

Editorial

“É uma maldição viver em tempos interessantes”. Segundo Jerome Kohn, Hannah Arendt repetia essa expressão com ar estranho e pesaroso nos últimos anos de sua vida,^[1] comentando tanto crises domésticas como internacionais.

Na entrada do século XXI, nossos tempos parecem ter se tornado interessantes no sentido da lenda apócrifa: a maldição – “Que vivas tempos interessantes!” – pode ter nos atingido. Apesar da ambiguidade, não é difícil captar certo cinismo na expressão, que a torna de alguma maneira estranhamente familiar ao que estamos vivendo.

Vivemos tempos excepcionais, a pandemia do novo coronavírus invadiu a vida pública e privada da humanidade, e lidamos hoje com os impactos visíveis e invisíveis da crise sanitária global. Estamos sob o calor das repercussões de um precipitado de fatos e circunstâncias que se entrelaçam no tecido social, político, econômico e individual. Ao mesmo tempo que encarnamos o acontecer histórico, somos chamados, como psicanalistas, a pensar esse momento.

Momento de compor notas psicanalíticas em tempos interessantes. Poderíamos dizer tempos difíceis, tempos de tormenta, tempos de desamparo... “Interessante”, contudo, pode abrir caminho para perspectivas que vão para além da materialidade dos fatos num movimento germinal do que urge por nascer.

Entre a tormenta, o assombro e o privilégio de viver tempos interessantes, inauguramos uma década em que emblemáticos artigos de Freud completarão seu centenário. Partindo de “Mais além do princípio do prazer” de 1920, quando nosso mestre cede e acata a pulsão de morte em sua teoria, alterando o eixo do pensamento psicanalítico de forma definitiva, passando por “Psicologia das massas e análise do eu” (1921) e ainda “O futuro de uma ilusão” (1927), até alcançar “O mal-estar na civilização” em 1930 – trabalhos que nos apresentam o indivíduo e a sociedade de forma indissociável, porém na tensão constante de uma linha na qual o humano tenta se equilibrar. O Sars-CoV-2 parece a representação atualizada desse dilema; à medida que escancara o perigo na e da convivência humana, realça de forma dolorida a necessidade do outro. Cem anos depois dessa década interessante de Freud, à luz de suas atemporais ideias e sob o calor dos interessantes tempos do século XXI, o que a psicanálise tem a dizer?

Iniciamos 2021 propondo essa reflexão à comunidade psicanalítica brasileira, o desafio de colher nossas primeiras observações em meio à tormenta, buscando

1. Essa frase é atribuída a uma máxima chinesa, mas não tem origem comprovada. Ver Arendt, H. (2008). *Compreender: formação, exílio e totalitarismo: ensaios 1930-1954* (J. Kohn, Org.; D. Bottman, Trad.) Companhia das Letras; Editora UFMG. p. 7.

intuir a possibilidade do vir a ser de nossa prática.

Como psicanalistas, respondemos ao desafio da realidade e constituímos novos meios para seguir trabalhando; não apenas nosso ofício sobreviveu, como parece ter se tornado mais atual e necessário do que antes. Confirmando nossa tradição, tendo vivido as experiências clínicas, voltamo-nos para as possíveis elaborações teóricas, e nosso convite foi respondido. Experiências, reflexões, observações teórico-clínicas nos foram enviadas. Trabalhamos nos últimos meses preparando este precioso material para, agora, o compartilhar, cumprindo assim o objetivo de uma publicação científica: proporcionar a livre circulação do conhecimento, favorecendo ampliações e desenvolvimento.

Reafirmamos, portanto, nosso compromisso com o pensamento psicanalítico e sua difusão. Nesse sentido, para a *Berggasse 19* o ano de 2021 significou justamente ir para além das dificuldades que se apresentavam e, num movimento germinal criativo, renovar-se.

O número 1 de 2021 amplia os horizontes de nossa publicação, com o lançamento de sua versão digital, juntamente com um novo projeto gráfico e identidade visual. Inaugura duas novas seções de forma significativa. Em “Infância e Família”, Virginia Ungar e Nilde J. Parada Franch nos apresentam e discutem o modelo da formação integrada. Já as autoras Almira Correia de Caldas Rodrigues e Carolina Pompeu de Sousa Campos nos trazem questões atuais e inadiáveis sobre novas configurações familiares, questões de gênero e parentalidade, articulações teóricas que esperamos possam abrir caminhos para futuros aportes clínicos. Em nossa segunda nova seção, “Psicanálise em Língua Portuguesa”, somos brindados com um registro histórico afetivo a respeito de como o projeto homônimo foi tecido através do olhar dos pioneiros Fernanda e Ney Marinho. Temos também a contribuição de Miguel Sayad, sob a forma de uma conferência apresentada em Cabo Verde em 2013, onde provocou impactos sociais transformadores. Finalizando o número, temos “Conversando com Virginia Ungar”, que, completando sua gestão como presidente da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), nos conta sobre o desafio da instituição para congregar realidades tão diferentes ao redor do mundo, especialmente em tempos excepcionais. Discutimos os impactos da pandemia, atendimentos on-line antes e depois dessa situação e o reconhecimento oficial da modalidade, o papel de uma psicanálise implicada em questões sociais, culturais e ambientais, entre outras. Todos esses pontos permeados pela realidade de ser a primeira mulher em tal função na IPA e, ainda, de origem latino-americana.

Marcados pelo acontecer histórico e seus impactos para a humanidade, seguimos transformando e construindo nossa própria história. Nossa gratidão a todos que estiveram conosco e contribuíram para o germinar criativo através de suas ideias.

Boa leitura a todos!

Ana Cláudia G. R. de Almeida

Editora